

# Suplemento Cultural

## MAIS UM LIVRO QUE NASCE

**JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES** –  
Membro cofundador da Academia Sul-  
Mato-Grossense de Letras e do Instituto  
Histórico e Geográfico/MS

Grandes cultores da crítica literária sempre destacaram um feliz conceito acerca da arte literária, segundo o qual a publicação de um livro sempre evidencia que Deus ainda confia nos homens.

Muito certo, pois que, se assim não fosse, e então a humanidade não seria abençoada com o aparecimento da maior figura da poética universal, que, segundo o grande nome das letras da histórica Índia, Rabindranath Tagore, é representada por um escritor sublimado de Nazaré, Jesus Cristo, cuja maior obra escrita, no mundo das letras, é, sem dúvidas, representada pelas gloriosas e divinas letras do SERMÃO DA MONTANHA.

Evidentemente, no campo da história, destacam-se contribuições valiosas, narrando a trajetória do comportamento humano, através dos tempos, não apenas pela narrativa dos fatos e ações que a edificam, limitando-se à sequência dos acontecimentos, mas, acima de tudo, interpretando-os, com seguran-



**ARTHUR JORGE DO AMARAL** apresentando seu livro 'Sou Mato Grosso do Sul' – um panorama histórico-cultural de MS

ça e profundidade, pondo em evidência o conceito lançado a respeito pelo grande nome das letras francesas, ANDRÉ MALRAUX, segundo o qual “A Literatura é a honra da Humanidade”.

Teço estas considerações, diante do aparecimento de uma preciosa e expressiva obra histórica, de evidente mérito, intitulada “SOU MS”, de

VICENTINA ONLINE – GOOGLE

autoria de Arthur Jorge do Amaral, exaltando o período de 1977 a 2017 (quarenta anos), com explicações seguras e análises substanciais a respeito da concretização de um velho e substancial sonho, geográfico, histórico e cultural: a criação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Ilustres figuras de nossa história estadual são celebradas nesta preciosa obra, como o Tenente-coronel do Exército Brasileiro, Alfredo Malan, assessor do ministro da Guerra João Pandiá Calógeras, ocasião em que se concretiza a instalação da Circunscrição Militar em Campo Grande, construindo-se os prédios dos batalhões e o Hospital Militar.

Destacam-se, ainda, na obra ora examinada, grandes episódios e a

contribuição de eminentes figuras imortalizadas em nossa riqueza histórica, como Rondon, Bertoldo Klinger, Vespasiano Martins, Dr. Arthur Jorge, Prefeito de Campo Grande, em 1932; Senador Filinto Muller, o monge João Maria de Jesus, dentre outros notáveis vultos, chegando ao capítulo primoroso e celebrado por todos, da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, pela Lei Complementar número 31, de 11 de outubro de 1977.

À f.153, o expressivo acróstico de autoria de Arthur Jorge do Amaral, intitulado “Sou Mato Grosso do Sul”, resumindo toda a verdade e emoção ante o nascimento da nova unidade da Federação.

Diante de mais uma significativa obra da literatura de Mato Grosso do Sul, somos levados a concluir que a Literatura realmente é uma “ARS MORALIS”, como afirmou o imortal HORÁCIO, o escritor participa da construção do mundo da realidade, e então é um homem comprometido com a História e os altos conceitos. Em grego “poiesis” significa construir, os poetas são os legisladores da humanidade, independentemente do gênero literário, prosa ou verso.

“

Teço estas considerações, diante do aparecimento de uma preciosa e expressiva obra histórica, de evidente mérito, intitulada ‘SOU MS’, de autoria de Arthur Jorge do Amaral, exaltando o período de 1977 a 2017 (quarenta anos)”

Aqui termino, lembrando mais uma vez uma expressão dos gloriosos romanos: – “SAT PRATA BIBERUNT”. Sim, os prados já beberam demais.

Que o leitor leia, desfrute e dê a sua preciosa opinião.

## A Batina do Vigário

**FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES**

No princípio tudo era agreste, porque tudo estava no começo.

Assim foi no mundo de Fátima, hoje bairro Santo André e Monte Líbano, Vila São Bento, Vila Progresso etc.

Outrora cerradão, ponto de parada de tropeiros e de boiadas em trânsito. Existiam inumeráveis casas de formigueiros, de cupins... De longe, ao longo da caminhada, apareciam umas casas barreadas e cobertas de sapé.

Os poucos moradores, assim como entravam, saíam das suas precárias residências por trilheiros feitos em zigzague por casco de cavalo ou carrinho-de-mão.

Bem no fundo do cerradão havia uma chacinha, onde mourejava a família mais instruída do

lugar, indicada como orientadora para os que desejassem conseguir algum terreno para morar. Esta família ainda existe, seu sobrenome é Nantes. O frei da paróquia, Frei Gregório, costumava filar boia nesta casa, assim também lá deixava sua batina surrada e bem empoeirada pelas andanças nas fazendas e chácaras para arrecadar prendas e construir a matriz de Fátima que, até hoje, se ostenta altaneira e bela que nem garça branca, na Rua Flávio de Matos, nº. 537.

Um belo dia, D. Sebastiana, sempre solícita na arrumação das alfaias do altar e respeitosa aos pertences da Igreja, prontificou-se em lavar também a batina do padre. Fez, no quintal, um fogo com lenha do mato. Pôs, na vasilha cheia d’água, a batina para a devida limpeza, pois nada melhor, dizia ela, do que água quente para

tirar as manchas encrostadas na roupa.

Fazendo outros misteres, esqueceu-se do fogo. Quando viu, secara a água na vasilha e a batina voava em chamas. Incinerou-se.

Foi, então, um Deus-me-acuda da parte da bondosa Sebastiana.

Um grande pesar apoderou-se das fibras do seu amável coração. E agora, José? –Mas nem tudo o que é mal dura sempre.

Corria o ano de 1968 quando então o superior dos capuchinhos, junto do seu secretário, voltava de Roma trazendo a alvissareira notícia de que os padres, daquele dia em diante, podiam andar à paisana. Dona Sebastiana exultou de alegria e disse: “Eu pressenti que haveria mudanças no modo de vestir dos padres. Eu fui a primeira, em Campo Grande, quem viu o vigário de Fátima andar à paisana.”

## NAQUELE TEMPO

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR**

Seu Saturnino, um velhote guapo, nascido e criado, naqueles fundões de campo, foi peão de estância a vida inteira.

Agora, com oitenta anos na cacunda, pobretão, mas sempre alegre, comunicativo, vivia por ali, naqueles meios, chagueando, um biscate aqui, um biscate ali, rebenqueando a vida, como podia.

Era pau pra toda obra. Se alguém precisasse para capinar uma lavoura de milho, ajudar a carrear uma rês, levar um charque para algum fazendeiro ou até uma compra num bolicho, seu Sato, como era chamado pelos conhecidos, estava sempre à disposição.

Não era aposentado e com o que ganhava daqui, dali, muito pouco, mas parece que ia suprindo a existência.

Quando tirava para contar uma história, sempre começava assim: Naquele tempo... Até parecia uma linguagem da Bíblia!

Nunca se soube se fora casado, se tivera algum filho. Vivía sozinho, chimarreava solito, na frente do seu ranchinho de pau-a-pique, feito com tronco rachado de coqueiro, amarrado com cipó embira e coberto de capim sapé. Nunca se queixava, nem pedia nada a ninguém. Vivente simpático, de relância fazia amizade, pois era franco e servidor.

Tinha um cavalinho rosilho, meio estropiado, que lhe servia de montaria, quando saía pela vizinhança ou ia até o povoeiro, fazer compra de sal, pó de café ou algum outro munício.

Bombachita remendada, camisa de riscado, botas russilhonas, meio esfoladas pelas intempéries, lenço branco encardido. Não usava lenço encardido, achava transparente demais.

Numa roda de chimarrão, ele começou: Naquele tempo, eu me enrabichei por uma chinoquinha meio serigaita, que me judiou muito do coração e da alma. Que era bonita, isso era. Também não era pra menos, com uns olhos verdes de coxilha, more-

na e corada que nem melancia madura. Não sei por onde anda, se é viva ou morta. Pois é, naquele tempo. Naquele dia, entrada de inverno, o pampa era um abuso de beleza, com seriema clarinando, saracura anunciando tempo bom e, o céu, um imenso poncho azul acobertando a terra. Seu Saturnino acordou morto.

Foi sepultado por ali mesmo, na campanha, onde viveu. Aí, apareceram uns parentes distantes, sempre aparecem, e viraram de pernas para o ar o rancho de seu Sato.

Pois não é, que remexendo num baú antigo, retovado de couro cru com pelo e tudo, acharam vinte contos de réis, uma fortuna para aquele tempo. Não facilitaram, palmearam a dinheirama e se foram.

Dizem, algumas línguas soltas, que, uma vez por ano, aparece uma mulher setentona, que não se sabe de onde vem, e cobre a sepultura de flores. O ranchito ainda está lá, num abandono de viúvo solitário. Única lembrança do chiru velho Saturnino.

## POESIAS

### EU E OS PASSARINHOS

Às vezes no quintal de casa eu fico  
Vendo a disputa insana por migalha  
De um bando ágil e feliz de tico-tico,  
Pelo pão sacudido da toalha...

Então, um paralelo estratífico  
Entre a sorte cruel que me amortalha  
E o destino das aves, bom e rico:  
A elas a ventura nunca falha,

Competem com prazer pelo alimento...  
Mas eu, pelos farelos desta vida,  
Se disputo, com a sorte, algum alento,

Cada migalha engasga e me é dorida,  
Dá-me mágoa a que chamo de querida,  
Planto amor e só colho sofrimento!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

### CHUVARADA

É chuva!  
Chuva chovente chuvosa chorosa.  
Todo dia todo dia  
o dia todo  
gota a gota  
pinga o pingo.  
Goteira gotejante  
vai molhando  
inundando  
a alma querente  
e o telhado já canta sozinho  
a melodia miúda e fria  
do barulho cadente e molhante  
que está derramando  
no pluviômetro das gentes...

**LÉLIA RITA DE FIGUEIREDO**

### DESPEDIDA DE POETA

*(Ao amigo e poeta Cláudio Valério, porque poeta não morre: transforma-se em versos e retorna ao divino livro da poesia celestial)*

Quisera fosse apenas pesadelo  
Tua triste partida, poeta amigo,  
E no meu despertar pudesse vê-lo  
Em teu largo sorriso sem jazigo.

Quisera que essa dor profunda e forte  
Fosse um singelo susto, irreal momento,  
Que fosse fantasia e não a morte,  
Que fosse poesia e não lamento.

Quisera que a partida fosse tarde  
E não na aurora da tua existência,  
Quando tua feliz verve ainda arde.

Mas se pertence a Deus cruel mistério,  
O meu pequeno ser pede clemência  
Ao Pai, que te dê paz, Cláudio Valério.

**JOSÉ PEDRO FRAZÃO**